

## FICHA TÉCNICA

Título original: *A Spark of Light*

Autora: *Jodi Picoult*

Copyright © 2018 by Jodi Picoult

Todos os direitos reservados

Edição portuguesa publicada por acordo com Ballantine Books, uma chancela de The Random House Publishing Group, uma divisão de Random House, Inc.

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2019

Tradução: *Manuela Madureira*

Revisão: *Carlos Jesus/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Vera Espinha/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, fevereiro, 2019

Depósito legal n.º 451 757/19

Reservados todos os direitos  
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

**EDITORIAL PRESENÇA**

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt



cinco da tarde

O Centro ficava atrás de um portão de ferro forjado, na esquina da Juniper com a Montfort, como um velho buldogue habituado a guardar o seu território. A dada altura, existiam muitos como ele no Mississípi — edifícios uniformes, despretensiosos, onde se prestavam serviços e se satisfaziam necessidades. Depois vieram as restrições destinadas a fazer desaparecer tais sítios: os corredores tinham de ser suficientemente largos para comportar duas macas em movimento; qualquer clínica em que tal não acontecesse era obrigada a fechar ou a despender milhares em obras de remodelação. Os médicos tinham de pertencer ao corpo clínico de um hospital local, de forma a poderem aí admitir os seus pacientes particulares — apesar de a maioria vir de fora do estado e tal não ser possível —, ou as clínicas onde eles exerciam arriscavam-se igualmente a fechar. Uma a uma, as clínicas foram encerrando as persianas das janelas e trancando as portas com tábuas. Agora o Centro era um unicórnio — uma pequena estrutura retangular pintada de um vibrante laranja fluorescente, como uma bandeira para aqueles que tinham viajado centenas de quilómetros para o encontrar. Era a cor da segurança; a cor do aviso. Dizia: *Eu estou aqui se precisares de mim*. Dizia: *Façam-me o que quiserem; eu não me vou embora*.

O Centro sofrera cicatrizes dos cortes de políticos e das farpas de manifestantes. Lambera as suas feridas e sarara. A certa altura

passou a chamar-se Centro Feminino de Saúde Reprodutora. Mas havia aqueles que acreditavam que, se não dermos nome a uma coisa, ela cessa de existir, portanto o seu nome fora amputado, como uma lesão de guerra. Mas ainda assim ele sobrevivera. Primeiro tornara-se o Centro Feminino. E depois, apenas, o Centro.

O rótulo adequava-se. O Centro era a calma no meio de uma tempestade de ideologia. Era o sol de um universo de mulheres a quem se tinham esgotado o tempo e as opções, e que precisavam de um farol para se orientar.

E, tal como outras coisas que brilham tão intensamente, possuía uma atração magnética. Os que necessitavam encontravam nele o ímã para navegar. Os que o desprezavam não conseguiam desviar o olhar.

Aquele, pensou Wren McElroy, não era um bom dia para morrer. Sabia que outras raparigas de quinze anos romantizavam a ideia de morrer por amor, mas Wren lera *Romeu e Julieta* para a disciplina de Inglês no ano anterior, o oitavo, e não conseguia ver a magia de acordar numa cripta ao lado do namorado, e depois enfiar o punhal dele nas suas próprias costelas. E o *Crepúsculo*... esqueçam lá isso. Ouvira professores descreverem as histórias de heróis cujas trágicas mortes haviam de certa maneira engrandecido as suas vidas em vez de as desvalorizarem. Wren tinha seis anos quando a avó morreu, durante o sono. Os estranhos repetiam inúmeras vezes que morrer durante o sono era uma bênção mas, ao olhar para a avó, branca como cal dentro do caixão aberto, ela não percebia por que razão isso era uma dádiva. E se a avó se tivesse deitado na noite anterior a pensar: *Amanhã de manhã vou regar aquela orquídea. Amanhã de manhã vou ler o resto daquele romance. Vou telefonar ao meu filho.* Tanta coisa deixada incompleta. Não, não havia maneira de a morte ser transformada numa coisa boa.

A avó tinha sido a única pessoa que Wren vira morta, até há duas horas. Agora podia dizer como era morrer, em oposição a apenas estar morto. Num minuto, Olive achava-se ali, olhando fixamente para Wren — como se ela pudesse agarrar-se ao mundo se os seus olhos se mantivessem abertos —, e depois, no tempo de

uma batida, esses olhos deixaram de ser janelas e transformaram-se em espelhos, e Wren viu apenas o reflexo do seu próprio pânico.

Não queria olhar mais para Olive, mas fê-lo. A mulher morta jazia estendida como se estivesse a dormir uma sesta, com uma almofada do sofá sob a cabeça. A blusa de Olive achava-se ensopada em sangue, mas levantou-se de lado, expondo-lhe as costelas e a cintura. A sua pele estava pálida em cima e depois cor de alfazema, com uma fina linha de violeta-escuro no sítio em que as costas tocavam no chão. Wren compreendeu que isso se devia ao facto de o sangue de Olive começar a fixar-se dentro dela, apenas duas horas após ter falecido. Por um segundo, Wren julgou que ia vomitar.

E também não queria morrer como Olive.

O que, dadas as circunstâncias, fazia de Wren uma pessoa horrível.

As probabilidades eram diminutas, mas, se tivesse de escolher, Wren preferiria morrer num buraco negro. Seria instantâneo e seria épico. Como se, literalmente, fôssemos desfeitos ao nível atómico. Tornar-nos-íamos poeira estelar.

O pai de Wren ensinara-lhe isso. Comprara-lhe o seu primeiro telescópio tinha ela cinco anos. O pai era a razão pela qual ela queria ser astronauta em garota, e astrofísica assim que aprendeu o que isso era. Ele próprio sonhara comandar uma nave espacial que explorasse todos os cantos do universo, até ter engravidado uma rapariga. Em vez de seguir para a faculdade, casou com a mãe de Wren e tornou-se polícia e depois detetive, e tinha antes explorado todos os recantos de Jackson, no Mississípi. Ele disse a Wren que trabalhar para a NASA foi a melhor coisa que nunca lhe aconteceu.

Quando regressavam de carro do funeral da avó, nevava. Wren — uma criança que nunca vira tempo assim no Mississípi — ficou aterrorizada pela forma como o mundo rodopiava, sem amarras. O pai começou a falar com ela: *Especialista de Missão McElroy, ative os propulsores*. Vendo que ela não parava de chorar, ele pôs-se a carregar em botões ao acaso: do ar condicionado, dos faróis, do piloto automático. Eles iluminavam-se de azul e vermelho como um centro de comando no Controlo de Missão. *Especialista de*

*Missão McElroy*, disse o pai, *prepare-se para o hiperespaço*. Depois ligou os máximos, de maneira que a neve se transformou num túnel de estrelas velozes, e Wren ficou tão admirada que se esqueceu de ter medo.

Desejou poder carregar num botão nessa altura e voltar atrás no tempo.

Desejou ter dito ao pai que ela ia ali.

Desejou ter deixado que ele a dissuadisse.

Desejou não ter pedido à tia que a levasse.

A tia Bex podia neste momento fazer na morgue, como Olive, com o corpo a transformar-se num arco-íris. E era tudo culpa de Wren.

*Tu*, disse o homem empunhando uma arma. A sua voz arrasando Wren para o momento presente. Ele tinha nome, mas ela nem sequer queria pensar nisso. Tornava-o humano e ele não era humano; era um monstro. Enquanto Wren se achava perdida em pensamentos, ele veio pôr-se à sua frente. Nesse instante, apontou-lhe a pistola. *Levanta-te*.

Os outros retiveram o fôlego em simultâneo com ela. Nas últimas horas, haviam-se tornado num único organismo. Os pensamentos de Wren entravam e saíam das mentes das outras mulheres. O medo que sentia tresandava na pele delas.

O sangue ainda aflorava à ligadura que o homem enrolara em volta da mão. Era um triunfo ínfimo. Era a razão pela qual Wren conseguira levantar-se, embora sentisse as pernas frouxas.

Ela não devia ter ido ao Centro.

Ela devia ter permanecido uma rapariguinha.

Porque agora poderia não viver para se tornar qualquer outra coisa.

Wren ouviu o clique do cão da pistola e fechou os olhos. A única coisa que conseguia visualizar era o rosto do pai — os olhos azul-*jeans*, a curva suave do seu sorriso — fitando o céu noturno.

Quando George Goddard tinha cinco anos, a mãe tentou deitar fogo ao pai. O pai estava a dormir no sofá e a mãe despejou o conteúdo do isqueiro sobre a sua roupa suja, acendeu um fósforo,

e deixou cair a caixa flamejante em cima dele. O homenzarrão ergueu-se aos gritos, batendo nas chamas com as mãos enormes. A mãe de George encontrava-se a certa distância com um copo de água na mão. *Mabel*, gritou o pai. *Mabel!* Mas ela bebeu a água calmamente até à última gota, não deixando nem uma para extinguir as chamas. Quando o pai de George correu para fora de casa e se deitou a rebolar na terra como um porco, a mãe virou-se para ele. *Que isto te sirva de lição*, disse-lhe.

Ele não quis crescer como o pai, mas, da mesma maneira que uma semente de maçã não pode evitar transformar-se numa macieira, ele não se transformou no melhor dos maridos. Atualmente sabia isso. Razão pela qual decidira ser o melhor dos pais. Razão pela qual, nessa manhã, conduzira de tão longe até ao Centro, a última clínica de abortos existente no estado do Mississípi.

O que eles tinham tirado à filha nunca mais ela recuperaria, quer se apercebesse disso agora quer não. Mas tal não significava que ele não pudesse obrigá-los a pagar por isso.

Olhou em volta da sala de espera. Estavam três mulheres encostadas umas às outras numa fila de cadeiras, e aos pés delas encontrava-se a enfermeira, que verificava a ligadura feita pelo médico. George teve um riso escarninho. Médico, uma ova. O que ele fazia não era curar, de maneira nenhuma. Devia ter matado o tipo — *teria* matado o tipo — se não tivesse sido interrompido quando entrou e começou a disparar.

Imaginou a filha sentada numa daquelas cadeiras. Perguntou-se como teria ela chegado ali. Se apanhara uma camioneta. Se uma amiga a levava de carro ou (nem suportava pensar nisso) se fora o rapaz que a metera em apuros. Imaginou-se num universo alternativo, irrompendo pela porta com a sua arma, vendo-a na cadeira ao lado dos panfletos sobre como reconhecer uma DST. Tê-la-ia agarrado pela mão e arrastado dali para fora.

O que pensaria ela dele, agora que ele era um assassino?

Como podia ele voltar para ela?

Como podia ele voltar, ponto final?

Oito horas antes, aquilo parecer-lhe-ia uma cruzada santa — olho por olho, vida por vida.

A sua ferida latejava. George tentou ajustar a ligadura de gaze com os dentes, mas ela estava a desenrolar-se. Devia ter sido mais bem atada, mas quem o ajudaria ali?

Da última vez que se sentiu assim, como se as paredes se cerrassem sobre ele, pegou na sua filha bebé — congestionada, a chorar e com uma febre que ele não sabia que ela tinha e também não teria sabido como tratar — e foi à procura de ajuda. Conduziu até a sua carrinha ficar sem gasolina. Passava da uma da madrugada, mas ele começou a andar a pé e continuou até encontrar o único edifício com uma luz no interior e uma porta destrancada. Era banal, de telhado plano, e ele não percebeu que era uma igreja até ter entrado e visto os bancos e o alto-relevo do Jesus de madeira na cruz. As luzes que avistou do exterior eram velas tremeluzindo num altar. *Volta*, disse ele alto para a mulher, que provavelmente nessa altura já se encontrava quase do outro lado do país. Talvez estivesse cansado, talvez estivesse delirante, mas ouviu claramente uma resposta: *Já estou contigo*. A voz sussurrava-lhe do Jesus de madeira e simultaneamente da escuridão que o cercava.

A conversão de George foi tão simples como isso, e envolvente. De alguma maneira, ele e a sua menina haviam adormecido no chão atapetado. De manhã, o pastor Mike sacudiu-o para o despertar. A mulher do pastor arrulhava para a sua bebé. Havia uma mesa rangente com comida e um quarto milagrosamente livre. Até essa altura, George não tinha sido um homem religioso. Não foi Jesus que entrou no seu coração nesse dia. Foi esperança.

Hugh McElroy, o negociador de reféns com quem George estava a falar há horas, disse que a filha de George sabia que ele apenas tentara protegê-la. Prometeu que, se George cooperasse, aquilo ainda podia acabar bem, embora George soubesse que no exterior do edifício havia homens com espingardas apontadas à porta só à espera que ele surgisse.

George queria acabar com aquilo. A sério que queria. Encontrava-se exausto, física e mentalmente, e era difícil pensar numa estratégia para finalizar o jogo. Estava farto dos choros. Queria saltar diretamente para a parte em que voltaria a estar sentado ao lado da filha, e ela ergueria os olhos para ele com admiração, como era costume.



Mas George também sabia que Hugh diria qualquer coisa para o convencer a render-se à polícia. Nem sequer se tratava apenas do seu trabalho. Hugh McElroy precisava que ele libertasse os reféns pela mesma razão por que George os fizera — para salvar o dia.

Foi então que George descobriu o que ia fazer. Puxou o cão da arma. — Levanta-te. Tu — disse, apontando para a rapariga com o nome de pássaro<sup>1</sup>, aquela que o tinha apunhalado. Aquela que ele usaria para dar uma lição a Hugh McElroy.

Eis a primeira regra da negociação de reféns: Não lixes tudo.

Quando Hugh se juntou à equipa regional, foi isso que os instrutores disseram. Não peguem numa situação má para a tornar pior. Não discutam com quem fez os reféns. Não lhe digam, *Percebo*, porque provavelmente não percebem. Comunicuem de uma maneira que acalme ou minimize a ameaça; e compreendam que, por vezes, a melhor comunicação é não falar de todo. Escutar ativamente pode levar-vos muito mais longe do que a fluência de palavras.

Havia diferentes géneros de pessoas que faziam reféns. Havia os que estavam de cabeça perdida devido a drogas, álcool, dor. Havia os que estavam numa missão política. Havia os que atiçavam cinzas de vingança, até que elas se inflamavam e os queimavam vivos. Depois havia os sociopatas — os que não possuíam qualquer empatia para que se pudesse apelar. E, no entanto, às vezes era mais fácil lidar com esses porque compreendiam o conceito de quem detém o controlo. Se conseguíssemos fazer o sociopata acreditar que não iríamos abrir mão do poder, já tínhamos obtido qualquer coisa. Podíamos dizer, *Estamos nisto há duas horas* (ou seis ou dezasseis) *e percebo o que te vai na mente. Mas é altura de fazer algo de novo. Porque há um grupo de homens aqui fora que acha que o tempo terminou e quer tratar disto pela força.* Os sociopatas compreendiam a força.

Por outro lado, essa abordagem falharia completamente com alguém suficientemente deprimido para se matar e levar outros consigo.

---

<sup>1</sup> *Wren* significa em português carriça. (NT)

A razão para estabelecer uma relação com alguém que fez reféns é garantir que somos a sua única fonte de informação, e dar-nos tempo para descobriremos nós próprios informações cruciais. Com que tipo de pessoa estamos a lidar? O que precipitou o impasse, o tiroteio, o ponto de não retorno? Podemos começar por tentar estabelecer uma relação com uma conversa inócua sobre desporto, o tempo, a TV. Ir descobrindo gradualmente os seus gostos e aversões, o que tem importância para ele. Amava os filhos? A mulher? A mãe? Porquê?

Se conseguíssemos descobrir o *porquê*, poderíamos determinar o que poderia ser feito para desarmar a situação.

Hugh sabia que os melhores negociadores de reféns chamavam ao trabalho um *ballet*, um equilíbrio na corda bamba, uma dança delicada.

Sabia também que isso era uma treta.

Nunca ninguém entrevistava os negociadores cujas situações terminavam num banho de sangue. Apenas os que obtinham resultados positivos tinham microfones espetados na cara, e se sentiam obrigados a descrever o seu trabalho como uma espécie de arte mística. Na realidade, era um jogo de azar. De sorte aleatória.

Hugh McElroy receava que a sua sorte estivesse prestes a esgotar-se.

Observou a cena que dominava desde as últimas horas. O seu centro de comando era uma tenda para eventos que o departamento tinha utilizado algumas semanas antes numa feira local para promover a recolha de impressões digitais de crianças em segurança. Havia polícias de giro postados ao longo do perímetro do edifício como uma feira de contas azuis. A imprensa ficou encurralada atrás de uma barricada da polícia. (Poderia pensar-se que eles seriam suficientemente espertos para se afastarem mais do alcance de um louco com uma pistola, mas não, a sedução das audiências era aparentemente demasiado forte.) Juncando os passeios, como ameaças ocas, viam-se placares com fotos gigantescas de bebés no útero, ou *slogans* escritos à mão: SIM À ADOÇÃO, NÃO AO ABORTO! METADE DAS PACIENTES QUE ENTRAM NUMA CLÍNICA DE ABORTOS NÃO SAI DE LÁ VIVA!

Apitavam ambulâncias, tripuladas por paramédicos com mantas térmicas de isolamento, IV portáteis e hidratação. A equipa de SWAT encontrava-se em posição, aguardando um sinal. O seu comandante, o capitão Quandt, tentou correr com Hugh do caso (quem o podia censurar?) e dominar o atirador pela força. Mas Hugh sabia que Quandt não podia fazer nenhuma dessas coisas com plena consciência, não se Hugh se achava prestes a conseguir que George Goddard se rendesse.

Era exatamente com isso que Hugh contava quando quebrou a segunda regra da negociação de reféns, cinco horas antes, precipitando-se para a cena no seu carro sem identificação, a gritar ordens para os dois polícias de giro que tinham chegado primeiro.

A regra secundária da negociação de reféns era: Não se esqueçam de que isto é um trabalho.

A negociação de reféns não é um teste à vossa virilidade. Não é uma oportunidade para se ser um cavaleiro de armadura reluzente, nem uma forma de conseguirem os vossos quinze minutos de fama. Pode correr a vosso favor e pode não correr, independentemente de as vossas respostas serem perfeitas. Não transformem isso num caso pessoal.

Mas Hugh soube desde o início que tal nunca seria possível, não nesse dia, não dessa vez, porque aquela era uma situação completamente diferente. Deus sabia quantos corpos mortos haveria naquela clínica, mais cinco reféns que ainda estavam vivos. E um deles era a sua filha.

O comandante da SWAT surgiu subitamente diante dele. — Vamos avançar agora — declarou Quandt. — Digo-lho por cortesia.

— Está a cometer um erro — replicou Hugh. — Digo-lho por cortesia.

Quandt deu meia-volta e começou a falar para o *walkie-talkie* no seu ombro. — Vamos avançar em cinco... quatro... — De súbito a sua voz interrompeu-se. — Terminar! Repito: *Abortar!*

Foi essa palavra que dera início àquele desastre. Hugh ergueu vivamente a cabeça e viu a mesma coisa que Quandt notara.